

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

## **A Memória Em Desatino: O Conceito De "Mineiridade" Na Suplemento Literário De Minas Gerais (2020)**

**Paula Goulart Santos**

Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em História da  
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)  
paulagsantos20@gmail.com

### **Resumo**

Em 2020 a Suplemento Literário de Minas Gerais (SLMG) publicou uma edição especial de comemoração dos 300 anos da capitania de Minas Gerais. Tal edição, intitulada "Minas Gerais 300 anos de Literatura" traz em suas 44 páginas, além das imagens de cidades mineiras, pesquisadores, autores e poetas que em sua escrita falam sobre o território, a gente, a paisagem mineira. Anos antes, em 1992, temos Humberto Werneck publicando um livro chamado: o Desatino da Rapaziada que conta sobre escritores mineiros que "se renderam também à paixão do jornalismo". Ao fim do seu livro, Werneck (que já participou do expediente da SLMG e depois do conselho editorial até 2020) nos traz o conceito de "mineiridade" como construído à distância, longe das terras mineiras. Partindo deste conceito, da trajetória da Suplemento Literário do Minas Gerais até tal publicação em 2020, nos questionamos: qual mineiridade seria esta de Werneck? E qual a mineiridade encontramos nas páginas da Suplemento? Na tentativa de responder tais questões, buscaremos analisar a constituição de ambas as fontes partindo do conceito de imaginário social marxista, que compreende que o mesmo surge a partir das ideologias de classes, já que, por ser um meio de divulgação literária a SLMG também divulga as ideologias de quem a forma, dos sujeitos que a produzem, editam, distribuem e também dos próprios leitores e do tempo histórico em que estes estão inseridos. A partir disto também utilizaremos da noção de memória já que tanto a publicação da SLMG e o livro de Werneck possuem como proposta temática rememorar ou homenagear uma trajetória literária mineira. Ambas as publicações, para além do registro escrito, também se tornam um registro de memória? E que memória seria esta? De quem e para quem? Por serem publicadas em um grande intervalo de tempo, quais as mudanças podemos perceber em suas páginas? Seria a mesma Minas Gerais que surge ou as paragens já são outras? Partindo destas inquietações, e compreendendo a aceleração da história a partir dos locais de memória de Pierre Nora, além de um lugar social e ideológico tentaremos ler ambas

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

as publicações como também um lugar de memória, não menos importante na construção de seus escritos, além de literários, também históricos.

## Introdução

*O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente*  
(HALL, 1997. p. 27)

Minas Gerais: quando escutamos tais palavras, logo, imagens mentais são definidas: morros, músicas, pessoas, comidas, cidades, poemas, artistas, escritores... lembramos daquilo que mais se aproxima do que carregamos como a identidade, tanto a nossa quanto a dos “outros”. Projetamos no espaço – urbano ou rural – mineiro aquilo que temos como referência, aquilo que entendemos que faça parte da formação de quem somos, de quem são os outros, teus pés fincados no chão de Minas ou não.

Iniciada em 1966 por Murilo Rubião a pedido do governador Israel Pinheiro, a Suplemento Literário de Minas Gerais (SLMG) surge como um suplemento cultural do Diário Oficial do Estado, o *Minas Gerais*. Tal “dobradinha” ocorreria até 1995, quando o SLMG foi incorporado à Secretaria Estadual de Cultura. Em Novembro de 2020 é publicada o que temos hoje como a última edição<sup>1</sup> da SLMG, tendo como organizador Jacyntho Lins Brandão<sup>2</sup>, comemorando os 300 anos de Minas Gerais, por isso uma edição especial com 14 textos em suas 44 páginas com temáticas diversas, que a literatura e Minas Gerais costuram, os relacionando.

Partindo da leitura dessa edição especial, questionamos: qual, ou quais, Minas são debatidas? Quais questões relevantes ao debate sobre identidade surgem neste material? Quais os lugares - que a SLMG ocupa a partir da proposta desta publicação? Assim, este

---

<sup>1</sup> Até o presente dia (09 de Junho de 2021) nenhuma outra edição foi publicada.

<sup>2</sup> autor do livro *A Literatura Mineira: 300 Anos*, doutor em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP), membro da Academia Mineira de Letras e professor de Língua e Literatura Grega na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

artigo se organiza primeiramente em uma análise das imagens que compõem a revista pensando as questões sobre a modernidade mineira. Em seguida trazemos para a análise alguns artigos selecionados, debatendo sobre as temáticas pós-coloniais que estes se inserem. Em ambos os eixos, destacamos um estudo sobre como estas questões aqui destacadas abrangem os estudos sobre a identidade a partir de Stuart Hall.

## **O Suplemento Literário de Minas Gerais: facetas e trajetos**

Há expressões que, apesar de correntes, persistem em produzir dúvidas. Isso parece muito próprio de quando se ajuntam a substantivos de caráter universal, como é o caso de ‘literatura’, adjetivos visando a indicar recortes de espaço, tempo ou estilos. Como se pode com absoluta precisão dizer onde começa e termina a literatura modernista? O mesmo com relação à colonial? E o que dizer da literatura mineira? Basta um pouco de reflexão para que se conclua que são delimitações de precisão apenas relativa, que contudo têm o importante papel de possibilitar o reconhecimento de tendências no grande conjunto do que se tem por literário. (BRANDÃO, 2020, p.3)

O Suplemento Literário do Minas Gerais (SLMG) é publicado pela primeira vez em 3 de setembro de 1966, sob comando de Murilo Rubião. Pensar o início do Suplemento é também pensar sobre os caminhos tanto da imprensa oficial mineira quanto do projeto da nova capital do estado, Belo Horizonte, ambos dentro de um projeto modernista no Brasil. Antes de imergirmos na edição proposta por este estudo, se faz necessário observarmos as paragens que definem o contexto do surgimento do SLMG.

O projeto do Suplemento surge no governo de Israel Pinheiro, eleito em (colocar o ano) como governador de Minas. Pinheiro trabalhou próximo a Juscelino Kubitschek na construção de Brasília, sendo o presidente da NOVACP (Companhia Urbanizadora da Nova Capital). Após ficar um período afastado das atividades políticas, surge como candidato a governador de Minas Gerais após a impugnação do ex-ministro da fazenda do governo de JK, Sebastião Paes de Almeida, candidato original do PSD. O pleito foi garantido por Castelo Branco, mesmo com a tentativa de suspensão pela chamada “linha dura” da ditadura, que previam a vitória de Pinheiro, fazendo oposição ao governo. Seu governo deixa evidente a aproximação que possuía com JK no projeto de modernização

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

do país, assim retoma ações e revitaliza setores para continuar o projeto iniciado por Kubistchek em BH.

Israel Pinheiro, então como governador de Minas Gerais, coloca como secretário, seu sobrinho, Raul Bernardo Nelson de Sena. Cito Humberto Werneck:

Foi Raul quem teve a idéia de ressuscitar no Minas Gerais uma tradição literária muito antiga, anterior mesmo à passagem de Carlos Drummond de Andrade por lá, no final dos anos 1920, e que consistia em plantar um oásis de cultura e arte em meio à aridez dos despachos oficiais. (WERNECK, 2006, p.3)

Neste período Murilo Rubião estava na redação do Minas Gerais, e é convidado para comandar o Suplemento Literário, uma página que acompanharia o jornal oficial do Estado, sendo distribuído em toda Minas Gerais. Cito novamente Werneck:

*Sob o comando de Murilo Rubião, ajudamos a fazer o que foi sem dúvida o melhor suplemento literário do final dos anos 1960, só comparável ao que então editava O Estado de S. Paulo. Parte da edição era remetida a bem escolhidos leitores de vários pontos do Brasil e do mundo. Outra se oferecia à venda, nas bancas de Belo Horizonte. A fatia maior, 27 000 exemplares, era encartada no Minas Gerais, único jornal que chegava a cerca de 200 pequenos municípios mineiros — e de lá, das profundas de Minas, não raro vinham protestos contra o que seriam ousadias do suplemento."(WERNECK, 2006, p.5)*

É a partir de Humberto Werneck que nos deparamos com o conceito de mineiridade, que ele atribui como “enxergar minas a distância”. Tal análise ocorre quando Werneck remonta a saída de Murilo Rubião da redação do Suplemento, e em seguida a saída tanto dele como de outros integrantes da publicação, como de escritores que participavam deste momento em Belo Horizonte, para outras paragens, principalmente para assumir cargos públicos.

Cinquenta e quatro anos depois temos o que, até hoje, se faz como a última edição do SLMG, uma edição especial organizada por Jacynto Lins Brandão, comemorando 300 anos de Minas Gerais. Um título que podemos caracterizar no mínimo como definidor, já que ao se falar de 300 anos de Minas Gerais estamos definindo o início do que dura até o presente, um início colonizador.

Ainda na capa, temos uma ilustração de José Alberto Nemer (figura 1), uma imagem cheia de cores com os contornos em branco de duas construções, a superior sendo a Igreja de São Francisco de Assis, situada em Ouro Preto e a inferior, a Igreja da Pampulha, projeto de Niemeyer para a cidade de Belo Horizonte sob governo de JK. A

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

publicação possui quatorze textos e vinte fotografias que a ilustram, aqui trago algumas. Estas retratam lugares de minas (figura 2 e 3), todas destacando a arquitetura barroca, colonial que encontramos por estas cidades. Já os textos possuem temáticas diversas sobre a literatura em Minas Gerais, em diferentes tempos históricos, em sua grande maioria os autores são professores e pesquisadores de institutos estaduais e federais do país. Nesta primeira observação já nos perguntamos: Sendo o Suplemento, desde seu início, parte de um projeto de modernidade no Estado, que aqui identificamos visualmente a partir da Igreja da Pampulha, porque o apego intenso à uma arquitetura barroca como definidora de Minas, nas ilustrações da edição?

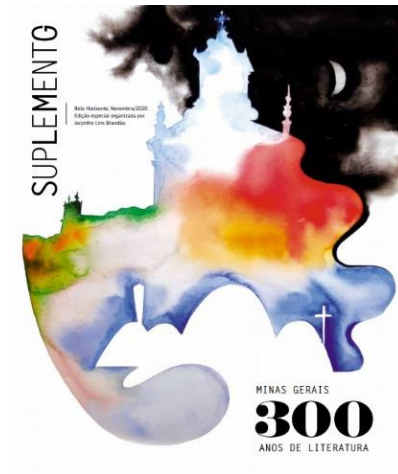


Figura 1



Figura 2

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Figura 3

Com estas questões em mente, orbitando sobre o tal conceito de mineiridade a distância, faço a leitura dos textos desta edição tentando relacioná-los tanto às ilustrações que a compõe como também às questões sobre mineiridade. Com este intuito em mente me deparo com alguns textos que aqui destaco.

Tais artigos, advindos de pesquisas como estas que nesta semana apresentamos, problematizam e renovam a própria literatura mineira. Inclusive rompendo com a idéia de início de Minas Gerais marcado pelos 301 anos que faz nesse ano, quando apresenta uma literatura indígena. Ou seja, me deparo com um acúmulo de questões entre essas leituras. Tendo como mote a ideia do Suplemento estar inserido nesse projeto de modernidade, compreendendo o apego ao colonial na definição visual de Minas Gerais, com a leitura dos textos temos uma terceira via, a que revisita a literatura mineira e destaca nela as resistências, indivíduos e problemáticas que amplia nossa noção sobre quem faz essa literatura mineira.

Me vejo imbuída a vaculhar duas questões: o próprio projeto cultural de modernidade em Belo Horizonte, já que as relações que enxergo dentro desta publicação ocorrem também nesse espaço urbano, e também expandir a análise para a imprensa oficial, comparando as publicações culturais com aquilo que é notícia no próprio Minas Gerais.

Assim, ao entender esse projeto de modernidade por sua via cultural, me apoio em Stuart Hall ao compreender que a cultura é uma manifestação de complexa análise, já que está associada amplamente com a sociedade, e a partir dela podemos interpretar a

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

realidade para compreendê-la e trazer para a análise questões referentes à identidade, e sua complexidade está justamente no fato da cultura abarcar vários sistemas significantes, dependendo dos sujeitos que a compõem e a recebem em sua formação, e a partir de sua análise ganha novos significados, abrange outras tantas questões:

*(...) a ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros (HALL, 1997, p. 16).*

Vê-se que além de literatura e mineira, os artigos dão ênfase a “tipos” diferentes: afro-mineira, literatura indígena, literatura e gênero... assim como alguns buscam ressignificar espaços literários como o Acervo de Escritores Mineiros e a Academia Mineira de Letras. Se anteriormente, através das imagens, estávamos acrescentando à ideia de modernidade mineira novos significados e características, a partir de alguns destes artigos ocorre uma outra ressignificação: a de compreensão de que uma identidade pautada na modernidade é uma identidade colonial, ou seja de exclusão. Já que:

*As identidades podem funcionar, ao longo de toda sua história, como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em “exterior”, em abjeto. Toda identidade tem, à sua margem, um excesso, algo a mais. A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem a necessidade daquilo que lhe falta – mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado. (HALL, 2000, p. 110)*

Aqui podemos compreender que as identidades construídas na modernidade e que destacamos a partir das fotografias que acompanham esta edição, são aquelas que demonstram não precisar de nenhuma outra definição a não ser “literatura mineira”, e a partir disto, surgem as outras literaturas, que buscam preencher os vazios que faltam, para assim dar espaço para aqueles e aquelas que não foram ouvidos, vistos. *Essa invisibilidade do tema em nossa literatura talvez aponte para certos elementos constitutivos de nossa sociedade, os abismos estruturais entre as classes.* (BORDINI, 2020, p. 18) Essa invisibilidade que Bordini trata sobre a literatura operária, também surge quando fala-se sobre gênero e literatura:

*Assim a escrita de Beatriz parece integrar uma rede silenciosa composta por escritoras de diversas partes do Brasil oitocentista, em cujos textos se percebem os mesmos desejos, as mesmas insatisfações, a mesma sede de liberdade e igualdade.* (PEREIRA, 2020, p. 12)

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

E também, através de Marx, considero o Suplemento Literário de Minas Gerais como uma representação, e sobre elas cito:

*e as ideologias em especial, como parte integrante das práticas colectivas; (...) . Por um lado, Marx demonstra que qualquer grupo social fabrica imagens que exaltam o seu papel histórico e a sua posição social, não se definindo senão através dessas representações* (BACZKO, 1985, p.305).

Ou seja, sendo o SLMG uma representação do imaginário social vinculado à um projeto de modernidade, quando Werneck institui o conceito de mineiridade feita à distância, este se apega a memória daquilo que o mesmo considera como o Suplemento que importa: aquele dos primeiros seis anos de existência.

Ao tratarmos sobre este projeto de modernidade que aqui já tanto falamos, estamos pensando não naquele generalizado, mas sim nas especificidades deste processo no estado mineiro. Sendo assim, seguindo o caminho que Eneida nos indica ao revisitar esse modernismo mineiro:

*A construção da cidade de Belo Horizonte constituiria, ainda, a instauração de um marco do espaço moderno, embora estivesse sujeito às contradições de uma sociedade conservadora e pautada por costumes provincianos. A mudança da capital da cidade de Ouro Preto para Belo Horizonte – do ambiente barroco e interiorano para o traçado geométrico e moderno – motivou a formação de um tipo de modernidade que se distanciava das outras. Entre o arcaico e o novo, o império e a república, instaurava-se a constatação de ser o moderno dotado de natureza heterogênea e plural.* (SOUZA, 2019, p.88)

Eneida Maria de Souza, em seu artigo *Modernismo Revisitado*, rompe com uma imagem única e resumida do modernismo no Brasil, ao indicar suas implicações plurais a partir de uma análise sobre o modernismo mineiro. Mesmo que este possua aproximações gerais, em território mineiro, ganha novas e diferentes feições frente ao que Minas Gerais representa, como é identificada, tanto pelos que vivem por “estas bandas” como pelos “de fora”.

Assim, não só na capa da SLMG que comemora os 300 anos de Minas Gerais, mas também na escolha das fotos que a ilustram, percebemos um “apego” ao arcaico, que dentro das questões que Souza nos oferece sobre o modernismo mineiro, não o afasta, mas sim amplia o conceito, ao costurá-lo com as outras relações que surgem da tentativa de identificá-lo.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Vê-se como a imagem de Minas a partir da arquitetura barroca, colonial insere-se também no Modernismo, e hoje, nesta edição que apresento aqui, vê-se um Suplemento que renova-se nos debates que extrapolam a cultura colonial, ao mesmo tempo que a insere em suas páginas, em fotografias e ilustrações. O que nos motiva a entender o conceito de mineiridade tanto a distância, como Werneck acrescenta em sua nostálgica lembrança dos anos iniciais de seu próprio Desatino, mas também próxima, dentro, em constante transformação, expansão.

Volto então ao título de meu trabalho, “A Memória em Desatino”: se neste momento inicial da pesquisa, entendo que o conceito de mineiridade surge em Werneck principalmente ligado à memória do seu próprio tempo de Suplemento, junto de Murilo Rubião. Lembrar deste suplemento só pode se concretizar como memória partindo da noção que tal suplemento acabou, e que por isso o sujeito, aqui exemplificado por Werneck, só se enxerga como ator dele à distância, pois mesmo permanecendo no conselho editorial do Suplemento, quando em 1994 a Secretaria Estadual de Cultura acolhe a edição, que se desloca do Minas Gerais, o seu suplemento era outro, anterior ao que se faz agora.

Me proponho, então nesta leitura tentar o mesmo exercício que li nas páginas desta edição especial do Suplemento. Utilizo do conceito de mineiridade, revisitado, como Souza, e entendo que tal mineiridade se constitui múltipla e elástica, tomando forma a partir do sujeito que fala. O que nos leva a Pierre Nora:

*Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar a incandescência a verdade de todos os lugares de memória.*  
(NORA, 1993, p.13)

## **Considerações Finais**

Entre um apego a modernidade mineira e aos textos que trazem à tona as identidades colocadas à margem deste projeto moderno, podemos compreender como a Suplemento Literário de Minas Gerais se faz importante, justamente por ser uma publicação cultural que se mantém nesse espaço de poder que gera. Da publicação que lança os “novos” em

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Minas Gerais nos seus primeiros anos, a aquela que insere na discussão a problematização do que é a literatura mineira.

Vê-se que tal jornada se faz ainda apegada a uma tradição moderna, ocidental, eurocentrista, mas que já possui diálogo com os sujeitos que estão a romper com este monstro de quatro cabeças e duas pernas.

*O que sustenta as quatro “cabeças”, ou âmbitos inter-relacionados de administração e controle (a ordem mundial), são as duas “pernas”, ou seja, o fundamento racial e patriarcal do conhecimento (a enunciação na qual a ordem mundial é legitimada.)*  
(MIGNOLO, 2017, p. 5) .

Minas, como diz Brandão, são muitas – da Igreja colonial cristã, aos cantos afro-mineiros de resistência, da Rapaziada em Desatino ao proletariado distante do centro urbano, das mulheres negras escritoras, aos indígenas com sua literatura diversa e plural. Assim se fez tal edição comemorativa.

## **Bibliografia**

BORDINI, Maria Isabel. A Literatura Proletária: **O imaginário como resistência. Suplemento Literário de Minas Gerais**. Edição Especial. 2020. Disponível em: [\\*file \(bibliotecapublica.mg.gov.br\)](file://bibliotecapublica.mg.gov.br)

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **Minas Gerais: 300 anos de Literatura. Suplemento Literário de Minas Gerais**. Edição especial. 2020. Disponível em: [\\*file \(bibliotecapublica.mg.gov.br\)](file://bibliotecapublica.mg.gov.br)

CAMARGOS, Daniel. **A penúltima reza em Bento Rodrigues: moradores não vão desistir das memórias**. Brasil de Fato/ Mariana (MG), Acesso: 11 de junho de 2021.

HALL, Stuart **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. In: Educação & Realidade. jul/dez. 1997.

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

MALARD, Letícia. **Literatura histórica: cartas do primeiro governador de Minas Gerais para o rei de Portugal**. In: DUTRA, Eliana de Freitas; BOSCHI, Caio C. (Org.): Estudos sobre Belo Horizonte e Minas Gerais nos trinta anos do BDMG Cultural. Belo Horizonte: BDMG Cultural. 2018.

MIGNOLO, W. **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.32, no.94. São Paulo, 2017. Epub, June, 22, 2017.

PEREIRA, Cláudia Gomes. **Beatriz Brandão: poesia e pioneirismo. Suplemento Literário de Minas Gerais**. Edição Especial. 2020. Disponível em: [\\*file \(bibliotecapublica.mg.gov.br\)](http://bibliotecapublica.mg.gov.br)

SANTOS, Angelo Oswaldo de Araújo. **Os Grupos Literários e a Era Suplemento**. In: BRANDÃO, Jacyntho Lins (Org.): **A Literatura Mineira: 300 anos**. BDMG Cultural. Belo Horizonte: 2019.

SOUZA, Eneida Maria. **Modernismo Revisitado**. In: BRANDÃO, Jacyntho Lins (Org.): **A Literatura Mineira: 300 anos**. BDMG Cultural. Belo Horizonte: 2019.

TAVARES, Rogério Faria. **A Tradição em Diálogo com a Contemporaneidade**. Suplemento Literário de Minas Gerais. Edição Especial. 2020. Disponível em: [\\*file \(bibliotecapublica.mg.gov.br\)](http://bibliotecapublica.mg.gov.br)

AUERBACH, Erich. **Mímeis**. Trad. George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1971.

CHRISTINO, Daniel. **Epistemologia e Comunicação: debatendo o objeto comunicacional**. LOGOS 37, vol. 19, n. 02, 2o semestre, 2012

COSTA LIMA, Luiz. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CRUZ, Heloisa de Faria, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do Historiador: conversas sobre História e Imprensa**. Projeto História, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez., 2007

HABERMAS, Jurgen, **Mudança Estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**, trad. de Flávio R. Kothe, ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1984.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, et. al. (org.) *Identidade e diferença: perspectivas dos estudos culturais*. 8a. ed. Petrópolis: Vozes, 2008

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: Prof. História. V. 10 (1993): Jul./Dez. História E Cultura. Acessado dia 09/08/2021 Disponível em: [Vista do ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES \(pucsp.br\)](#).